

Davi Araújo
Quilombonírico

Eu tenho o sonho impossível de fundar um quilombo.

A gente poderia se encastelar em algum eremitério montanhoso no qual o dinheiro seria apenas tiras de papel e botões de metal, sem qualquer outro valor além do que deveria ter essa arte ruim que produz em série todos esses números redondos e caras feias.

Queria fugir agora para lá, partir desta infeliz cidade.
Deixar RG, CPF, saudade,
inúteis ao desembarcar naquela nova liberdade que se descobrirá.

Eu queria construir uma casa na mata, uma casamata,
anarcoindividualista primitiva e agnosticista modelar,
onde estabeleceria esta minha comunidade incomum,
um búnquer antissistema ou blocausse anticivilização.

Este lar sem pai ou patrão,
sem endereço para a pizza
ou para a fatura do cartão.

Poucos humanos seriam bem-vindos neste meu abrigo anti-Deus,
ilha de excelência maldita, embriagada e supermusical.
Onde ninguém nunca passaria fome, onde todo mundo se come.

Pequeníssima nação, seríamos um paisinho à paisana, pluriforme,
em forma de lacônica colônia ou mesmo de misantropa colmeia.
Seria um asilo adolescente, Eldorado do sobrevivente.
Uma Cocanha de continente ou Pasárgada emergente.

Nesta fortaleza dos fracos,
sem qualquer comunicação com o restante do mundo,
não seríamos talvez menos tristes, mas seríamos menos os tristes.
Seria uma sociedade ideal, de aldeões e aldeãs e tesões libertários.
Seria uma sociedade sem alternativa a não ser estar lá,
contra todo Estado sólido,
sendo poucos para poucos, lindos e líquidos e loucos,
a cantar nosso hino gasoso, tão estúpido e contagioso.

Um todo à parte, esta tal republiqueta de artistas seria de todos,
apartidários e expatriados e patéticos, jamais apáticos.
Autoembargados, teríamos ali o nosso lugar de susto sustentável,
uma democracia direta, diletta e sem dieta ou regime.

Nossa população faria saraus como jamais houve, como imagino,
povoando nosso território com muita lira e punheta,
uma ditadura do palavreado
gigante pela própria malícia. Não tem arame farpado.

Quase um outro planeta, sem guilhotina ou império ultramarino.
Sem ter exército ou polícia, estaríamos a sós em nossa autarquia.

E nossa linha de direito seria mais torta do que nós.

Cumprimentar-nos-íamos com a mão esquerda, só por telepatia.

Aqui são quase todos perfeitos, os imperfeitos ainda mais são.

Uma contradição anímica a favor da adição química,
esta nossa turminha tão culta plantaria de tudo, o que é natural,
sintetizando o que fosse necessário, dialética mente, na verdade,
já que todos seríamos alquimistas de nossas vidas experimentais,
recém-regressadas à Era de Ouro de neo-neandertais.

Refúgio de engenho livre,

todo sonho de quilombo é nossa usina do impossível.

Esta utopia seria o meio de nos libertar do tempo da escravidão
e da escravidão do Tempo, império do mero factível,
e então o fim da História.

Esta utopia, mesmo minúscula, poderia ser nômade, festa móvel,
para que nela o sol jamais chegasse a nascer, nem a balada acabar.

Esta utopia não teria muros ou fronteiras para dar uma bandeira
de onde nos encontramos, pois nos acusariam de qualquer terror.

Esta utopia teria lugar em qualquer lugar onde nós estivéssemos,
mesmo longe uns dos outros, ou até sem que nos conhecêssemos,
como se nossas liberdades se encontrassem neste tal quilombo
que sonhamos em comum.

Aqui se mora de frente para o mar, que fica de frente para o bar.

Um oceano ciano com camarões de comer e fumar.

Aqui tem campos de pomar, com idílicos pés de rede e preguiça,

e edênicas árvores de vida e de conhecimento, do bem e do mal.

Tem outro pau que dá sozinho pecado madurinho o ano inteiro.

Aqui ainda não inventaram o trabalho ou a tortura,

apesar desses palavrões constarem como sinônimos.

Ainda não somos imortais,

mas aqui só precisamos comer ou dormir quando temos vontade;

aqui as pessoas são de uma raça só, humana, de todos os gêneros;

aqui a bomba já explodiu, mas ninguém nem ouviu.

Vem para a minha matutopia ilegível, vem ser ímpio, virar índio.

Quilombonérico, um escombros lírico. Aqui não se paga o IPTU.

Vem ver o meu reino invisível, onde todo mundo é rei e está nu.

Davi Araújo é poeta e ficcionista nascido em São Paulo, em 1979. Estudou História e Jornalismo. Atua como conselheiro editorial e ghostwriter. Publicou seus poemas de forma independente em "Ontologia Fonética". Tem textos publicados em *TriploV*, *Diversos Afins*, *Ellenismos*, *Aedosciritibanos*, *Macondo*, *Pó&Teias*, *Mallarmagens*, *Poema de Mil Faces* e em seu blog: *Transatravés*. Traduziu os livros "Natureza", de Emerson, e "Caminhada", de Thoreau, pela editora Dracaena. Atualmente, conclui dois livros de poemas, continuações da trilogia iniciada com a publicação de "Livro Ruído" (Eucleia Editora, 2011), em Portugal.
